

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade

Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Clarissa De Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade / Organizadora Clarissa De Franco. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0214-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.145220206>

1. Psicologia junguiana. 2. Identidade de gênero. 3. Sexualidade. I. Franco, Clarissa De (Organizadora). II. Título.

CDD 150.1954

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



PRÓLOGO

Luciana Martins Dias e Silva

Minha mãe me contou que quando eu nasci, meu pai teceu um casaquinho de tricô pra mim. Cresci vendo meu pai tecer, bordar, costurar, cozinhar. Ele era militar, tenente da aeronáutica e médico cirurgião ortopedista. Também vi minha mãe, professora e geógrafa, se envolver com política, discursar em palanques, beber e debater em botecos. Invariavelmente bem vestida, num estilo clássico, de saia, batom, salto alto e unhas impecáveis. Eu sempre achei tudo lindo, até tentava imitar, mas só consegui mesmo me identificar com o lado da política e dos botecos por parte de mãe, e com o lado dos artesanatos e da culinária, por parte de pai.

Disse minha mãe que sempre quis ter uma menina. E que quando eu, sua primeira e tão esperada filha nasci, ela me comprou os vestidos mais lindos, bordados, super tendências fashion da moda bebê 1976. Mas que, para sua decepção, eu gostava mesmo era de usar conjuntinhos de shorts e camisetas, de beber a água com sabão suja que saía do cano da minha banheirinha e de rolar na lama.

De lá pra cá, tenho gostado mais de beber cerveja e vinho do que água de banheira, mas pouco mudei em termos de estilo. Gosto mais de shorts do que de vestidos e babados. Tenho horror a manicure e fui um verdadeiro fracasso nas poucas tentativas de fazer aulas de balé. Devido a esse meu jeitinho delicado, passei a vida toda ouvindo de terapeutas, homens e mulheres, das mais variadas abordagens, especialmente as junguianas, que deveria ser mais feminina, agir de modo mais feminino, falar de modo mais feminino, me vestir de um jeito mais feminino. Espiritualistas me disseram que eu precisava usar mais saias para que minhas ciganas e pombagiras pudessem se manifestar. E que eu precisava me conectar ao feminino sagrado, para que a energia da Deusa pudesse se expressar.

Logo eu, que tenho Sol em Escorpião, Lua em Áries e Ascendente em Capricórnio. Fui estudar astrologia e descobri que tenho a força de Marte triplicada. Sol e Lua regidos por Marte e um ascendente que exalta Marte. E que Marte é meu almútem, senhor do meu destino. Não é à toa que sempre fui briguenta e cheia de opinião. Mas tem aquela história, que diz que os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus, né? Pois eu era uma mulher de Marte. E agora, como ia fazer para que a deusa, a cigana e a pombagira se manifestassem? Parecia que nem os astros estavam a fim de colaborar para a expressão do meu feminino. Estaria a Deusa contra mim?

Por muito tempo me senti completamente inadequada, pouco feminina. Num primeiro contato com a psicologia junguiana, fiquei sabendo que era uma mulher possuída pelo animus. Isso me caía como um xingamento. E eu pensava, ai, menina, não vai ter jeito...

Depois de muita terapia, e de terapia para ressignificar o que me foi dito em outras terapias, me envolvi um pouco mais com os estudos de gênero, em uma pós em Sociologia, e um novo universo de entendimento e possibilidades se abriu. Mas sentia falta de ver mais destes estudos dentro da psicologia junguiana, da qual sempre gostei mas pela qual nem sempre me senti muito compreendida. É por isso que, com alívio e prazer, me deparei com este livro, trazendo desconstruções e revisões de conceitos de gênero e sexualidade dentro da psicologia analítica. É claro que todo o trabalho de Jung e dos junguianos merece reverência, isso para mim nem está em questão, até porque tem o que Jung disse e o que foi mal interpretado, mal entendido ou distorcido a respeito do que ele disse. Mas o fato é que o mundo mudou bastante desde o século XIX e é bom poder respirar um pouco de ar renovado e não binário nestas paragens.

Que bom poder pensar sobre o feminismo decolonial e olhar para o racismo, o sexismo, à luz da teoria dos complexos culturais. Que alegria poder trazer bell hooks, a interseccionalidade e o feminismo negro ao universo junguiano, visto que entre as coisas que sempre me incomodaram no mundo junguiano estavam justamente algumas generalizações, e imposições de visões coloniais de certos grupos hegemônicos como conceitos neutros e universais. Falo isso daqui do meu lugar de mulher branca cis hetero de classe média. Salve hooks e sua visão feminista que aponta para a possibilidade de diversidade entre as mulheres (e homens) e de tolerância com o diferente.

Que importante um novo olhar para novas possibilidades de construção de identidade e performance de gênero, como outra forma de entender o que é masculino e feminino, desconstruindo uma lógica binária, conservadora que muitas vezes se impõe ainda que sub-repticiamente, gerando sintomas como homofobia e medo do feminino, sustentando uma forma de controle sobre os corpos, e uma norma patriarcal e capitalista, no momento de lidar com a subjetividade humana e suas múltiplas possibilidades de expressão.

Necessário poder ver a sexualidade humana como algo não linear, assim como a individuação, entendendo que por isso não pode ser explicada em termos desenvolvimentistas, como muitas vezes a psicologia analítica clássica tenta fazer em relação a homossexualidade. E buscar o desenvolvimento, sim, de um olhar que produza fissuras na heteronormatividade, dialogando com as exigências da fantasia, rompendo com a dinâmica da opressão que leva a reprodução de uma homofobia internalizada, que impede a livre circulação de Eros pelo mundo, ao invés de empurrá-lo definitivamente para fora dos armários.

E que poderoso ter uma visão que também dialogue com a sombra homofóbica, pessoal e coletiva, conduzindo à conscientização, ao reconhecimento do que foi rejeitado e reprimido, buscando integração, entendendo o discurso homofóbico no contexto de uma sociedade heteronormativa e machista. Entender que demonizar a homofobia nos impede de reconhecê-la também em nós mesmos. Levantar bandeiras nos impede de reconhecer

que pode existir dentro de nós mesmos aquilo contra o que lutamos. Afinal, aquele que exclui também pode morar, oculto, dentro de nós, e só através da integração desta parte sombria pode ocorrer a real inclusão do outro.

Finalizando, que delícia ler a respeito da psique andrógina, bissexualidade universal e sobre animus e anima enquanto arquétipos da alteridade, vistos não como opostos, mas como energias diferentes, desfazendo a noção de falta, dependência e simbiose na perspectiva de união e fusão. Ou sobre a persona, vista sob a ótica transgressora de gênero, esteticamente disruptiva, incômoda e não binária. Sobre LGBTfobia como um complexo cultural autônomo que aciona conteúdos incômodos para a coletividade, e entender como o uso inadequado e superficial da teoria junguiana, sem as devidas revisões, pode reforçar complexos culturais, como a LGBTfobia nos círculos sagrados de mulheres ou homens.

E que bela e poética compreensão por meio da imaginação encarnada, aproximando a primeira academia de mulheres, representada por Safo, a poetisa de Lesbos e as iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas, assim como ao seu direito de pertencimento a grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade.

Confesso que me senti contemplada quando, ao final do livro, encontrei ressonâncias para muitos dos meus incômodos em relação ao sagrado feminino. Nada contra, mas é que me sinto frustrada por nunca ter conseguido plantar a lua, visto que menstruava a cada seis meses e hoje tomo anticoncepcionais de uso contínuo devido a um tratamento de ovário policístico. Pensei sobre como realmente é importante e urgente discutir a simplificação dos conceitos da teoria junguiana, devido a sua popularização nos meios esotéricos. A perspectiva do sagrado não binário e o potencial da psique andrógina para construções e vivências livres de gênero e sexualidade me parecem respostas para muitos dos questionamentos que venho carregando há tempos. A referência a Oxumaré, orixá sempre presente em muitos dos meus conteúdos oníricos, como representante da diversidade, androginia e não binariedade me fez terminar esta leitura de alma leve. Arrobooi!



Luciana é psicóloga clínica de abordagem junguiana com olhar transdisciplinar, com 18 anos de experiência em consultório. No momento, está iniciando uma nova formação em análise bioenergética, por acreditar na importância de um corpo consciente e vibrante para uma completa saúde mental e emocional. Ex jornalista, é também astróloga, taróloga, terapeuta floral, reikiana, buscadora espiritual e entusiasta das pesquisas sobre psicodélicos e saúde mental. Apaixonada pela cultura védica, pratica yoga, estuda vedanta, sânscrito e mantras e é tutora de um fox paulispinscher chamado Raul.

APRESENTAÇÃO

Clarissa De Franco

É com imensa alegria que realizo a apresentação desta obra. Logo de partida, agradeço pelas parcerias e contribuições que aqui se estabeleceram, em torno de uma temática tão central nos debates contemporâneos: as revisões e desconstruções dos conceitos de gênero e sexualidade e como tais revisões têm impactado o campo de estudos da Psicologia Analítica ou Junguiana. Agradeço nominalmente às autoras Bárbara Tancetti, Luna Pereira Gimenez, Jessiane Kelly Nascimento de Brito, Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa, e aos autores Carlos Augusto Serbena, Durval Luiz de Faria, Gustavo Pontelo Santos, Raul Alves Barreto Lima e Vicente Baron Mussi, ao lado de quem tive a honra de construir este livro, além da autora Luciana Martins Dias e Silva, que gentilmente nos concedeu seu olhar no prólogo da obra.

As teorias junguianas, diante do debate social e político, são constantemente acusadas de pouco envolvimento. Embora tal cenário esteja se modificando, é importante considerar que o engajamento da área com as temáticas públicas esteve desde Jung envolta em névoas de desconfianças, em função do possível apoio de Jung ao nazismo em um determinado momento da história. Não é nossa tarefa adentrar este debate, tampouco tenho alguma preocupação em defender ou acusar o ser humano Jung. Sua obra fala por si e claramente ela demonstra preocupações coletivas, uma vez que ao postular o inconsciente coletivo, Jung vasculhou e reconheceu a diversidade cultural presente no mundo. Mas ele, como muitos e muitas de seu tempo, padeceu das problemáticas de sua época. Esperamos que ele tenha integrado suas sombras a tempo de contemplar seus erros e reorientar sua consciência.

Junta-se a isso a crítica – que merece nossa atenção – de que a visão clássica de Jung sobre animus e anima teria fornecido subsídios para um reforço aos binarismos de gênero. E provavelmente forneceu. Ressaltamos quanto a isso, dois pontos. O primeiro é que qualquer autor, autora ou autore que tenha vivido e morrido antes da segunda onda feminista ou bem no início dela – como é caso de Jung, que faleceu 1961 – perdeu os debates que trouxeram a concepção de gênero como construção social e de gênero, sexo e sexualidade como conceitos distintos. A noção de orientação sexual e identidade de gênero se popularizou na década de 1990, já na terceira onda dos movimentos feministas. O que quer dizer que a falta de repertório nesse debate é uma questão temporal e não de posicionamento político.

O segundo ponto que quero destacar quanto a isso é que as boas teorias são vivas, permitem ampliações, recriações, reformulações, fornecendo pontos de partida e não de chegada e são possíveis de serem adaptadas às transformações sociais. Para tal tarefa,

estão em processo os trabalhos de pós-junguianas/os/es. Eis a nossa proposta nesse livro: revisar criticamente as teorias junguianas, trazendo novos olhares, sínteses e contribuições, diante do que é possível nossa consciência integrar a partir dos aprendizados culturais contemporâneos. A única vantagem que temos em relação aos nossos e às nossas ancestrais é ter a possibilidade de intervir no debate atual enquanto ele ocorre. Assim, quando as próximas gerações mirarem nosso esforço hercúleo em sair dos binarismos de gênero, creio que pareceremos para elas talvez primárias/os, neandertais do debate. Mas teremos feito um pedacinho da história.

Para compor tal retalho da história, contamos nesse livro com algumas pesquisas, entre elas, a das psicólogas e mestras **Bárbara Tancetti e Luna Pereira Gimenez**: *Feminismos pós-junguianos: revisões das teorias clássicas e novos despontes*, que abre o livro com um panorama histórico dos feminismos, incluindo suas subdivisões contemporâneas e os principais debates acerca dos essencialismos de gênero e de como a visão patriarcal incidiu sobre a pressupostos junguianos. Revisando a teoria junguiana da contrassexualidade e os conceitos clássicos sobre feminino e masculino, anima e animus, Bárbara e Luna aportam diálogos fundamentais com autoras/es como Susan Rowland, David Stacey, Ricki Stefanie Tannen, Qualls-Cobert, Andrew Samuels, James Hillman, entre outras/os/es, de forma a reorientar o olhar analítico para uma compreensão não naturalizada, não essencialista de gênero, que reconheça as diferenças e recomponha o campo imaginal sobre a feminilidade e as mulheres.

O trabalho do psicólogo e doutorando **Raul Alves Barreto Lima** e do psicólogo e professor doutor do Núcleo de Estudos Junguianos da PUC/SP **Durval Luiz Faria de Souza**, *Psicologia Analítica, gênero e feminismo: o sexismo como complexo cultural*, também visita a psicologia das mulheres, indicando os preconceitos e confusões conceituais ocorridos no imaginário social e nas teorias junguianas quando se atribui às mulheres uma ausência de objetividade, por conta da não identificação com o masculino arquetípico ligado ao Logos, tratado como um aspecto inconsciente e não trabalhado psicologicamente nas mulheres. Raul e Durval evocam o complexo cultural para abordar os problemas sociais e psicológicos envolvidos na visão patriarcal e sexista que atribui às mulheres a noção de “emocionais”. Os autores apontam a interdependência do psicológico e do político, a partir das considerações de Andrew Samuels, de forma a considerar uma revisão ao caráter de literalidade atribuído aos mitos das deusas e, portanto, à psicologia das mulheres. Assim, os essencialismos podem ser substituídos pela compreensão psicopolítica de gênero.

No texto: *Autoconhecimento e feminismo: uma perspectiva junguiana sobre O feminismo é para todos, de bell hooks*, a psicóloga **Jessiane Kelly Nascimento de Brito** discute alguns aspectos do feminismo que desembocam em atitudes “anti-homem”, e acabam por manifestar tendências de movimentos de massa que não integram a sombra coletiva à psique individual. Nesse sentido, a partir do entrelaçamento com apontamentos

de bell hocks e de Marie Louise von Franz e Jung, Jessiane indica a importante e necessária tarefa das mulheres confrontarem seu próprio sexismo e patriarcalismo introjetados em suas psiques.

Já o quarto artigo: *O medo do feminino na homofobia: Uma investigação sobre o discurso homofóbico e sua relação com a visão de gênero dentro da sociedade patriarcal*, da psicóloga **Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa**, do psicólogo e professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná **Carlos Augusto Serbena** e do psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi** abre caminhos para pensarmos na questão da homofobia. O texto apresenta análises de pesquisa realizada com homens, apontando que quase a metade do grupo investigado apresentou posturas classificadas como “intolerantes” em relação a questões de gênero. As análises indicam a reprodução de estereótipos, o que se relaciona com a projeção de aspectos não reconhecidos e não integrados da sombra, além de apontar que grupos que pregam a separação entre gêneros possuem uma grande rigidez psíquica e são tomados pela falta de racionalidade, devido à ausência do Pai arquetípico, mas ainda o evocam para tentar justificar seus posicionamentos, atuando por vezes de forma ambígua com atitudes reativas e emocionais, de forma que o feminino negativo é negado e relegado ao inconsciente. Segundo a autora e os autores, o medo do feminino e a homofobia surgem, portanto, como um sintoma da angústia diante de uma masculinidade provocada a ser reconstruída.

O texto: *Inspirações das “mulheres de Lesbos”*: a imaginação encarnada na defesa de direitos humanos de mulheres lésbicas nos círculos sagrados, da psicóloga e professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de **Clarissa De Franco** (eu, mesma!), compõe o quinto artigo desta obra e aborda algumas iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas e direito à sua pertença em grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade. O trabalho foi conduzido tendo como base a metodologia junguiana, que trabalha com a compreensão dos fenômenos por meio dos símbolos que emergem e também da imaginação encarnada, que, em português, costuma ser chamada de imaginação ativa, mas por opção política, o termo do espanhol “imaginación encarnada” foi escolhido. O artigo traz como inspiração as “mulheres de Lesbos” e a poesia de Safo para amarrar tais iniciativas, a despeito de também reconhecer os estigmas e preconceitos que ainda são produzidos e mantidos em alguns destes espaços.

O psicólogo e mestre **Gustavo Pontelo Santos** nos brinda com o poético e corajoso texto: *Eros no armário: notas analíticas sobre a experiência gay*, que lança os inquietantes questionamentos – em primeira pessoa – sobre de que maneira os sujeitos LGBTQIA+, fantasiam e são fantasiados e de que maneira o mundo interior poderia estar vinculado a um mundo exterior que o nega. Tais questionamentos escancaram o quanto a cisheteronorma

está calcada na experiência e no modelo patriarcal. Utilizando a metáfora do armário, Gustavo indica que o armário seria uma metáfora para as tensões da ocultação/revelação da experiência gay, à qual está ligado, no entanto, em função da repressão moral e social. O mito de Eros e Psiquê é trazido como exemplo para identificar o momento em que o “Amor é revelado para a Alma que o julga monstruoso, é ferido por ela, ira-se e precisa de tempo para se curar. Eros se vê fora de seu armário, revelado pelo desenrolar das fantasias sobre sua identidade.” Gustavo conclui, indicando que “é preciso que Eros circule no mundo, fora dos armários e que, portanto, nós os derrubemos. Não se trata aqui apenas do direito ao amor, mas antes do direito de existir”.

Novamente o professor doutor **Carlos Augusto Serbena** e o psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi**, nos oferecem seu olhar em: *Homofobia e repressão do feminino: algumas contribuições da Psicologia Analítica*. O texto aponta que a cura da sombra ligada à homofobia passa, para além do reconhecimento daquilo a que se reprimiu, também pelo Eros, ou seja, pelo estabelecimento de vínculos. Estabelecendo diálogo com James Hillman, os autores indicam é preciso descobrir a capacidade de amar personagens desagradáveis em si mesmo a partir de uma postura que se esvazia da pretensão de virtude diante de atitudes homofóbicas de outras pessoas e responsabiliza-se pela inclusão destas pessoas, admitindo que a sombra da homofobia acompanha outras sombras como a da exclusão e solidão.

Fechando a obra, a psicóloga e professora doutora do Programa de Ciências da Religião da UMESP **Clarissa De Franco** (esta mesma que vos escreve), no texto: *Decolonialidade do saber nas teorias junguianas para o debate de gênero: imagens arquetípicas de um sagrado não-binário como caminho de elaboração do complexo cultural da LGBTfobia*, realiza uma interlocução entre as teorias pós-junguianas, os estudos de gênero e as teorias decoloniais. A proposta do texto parte da perspectiva de decolonizar a área, construindo novas narrativas para o debate de gênero no contexto das análises junguianas. Clarissa passa por revisões dos conceitos de animus e anima e breve análise do papel da persona diante das construções identitárias LGBTQIA+, discussão da LGBTfobia nos círculos sagrados de homens e mulheres e apresentação do conceito de sagrado não binário, articulando tal conceito com a ideia de psique andrógina e finaliza o texto com imagens não binárias, intersexo, e não tradicionais de gênero e sexualidade, que podem auxiliar na construção de repertórios simbólicos para imagens arquetípicas da não binaridade.

Esperamos, com a proposta desta obra, ampliar os caminhos de debate para o campo das teorias junguianas e seu aspecto de análises sociopolíticas, em especial no que tange à temática de gênero, sexualidade e afetividade. Nosso desejo é que Eros possa desvelar-se nu e que encontre acolhida nesse reconhecer a si e ao(à) outro(a).

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

FEMINISMOS PÓS-JUNGUIANOS: REVISÕES DAS TEORIAS CLÁSSICAS E NOVOS DESPONTES

Bárbara Tancetti

Luna Pereira Gimenez


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202061>

CAPÍTULO 2..... 16

PSICOLOGIA ANALÍTICA, GÊNERO E FEMINISMO: O SEXISMO COMO COMPLEXO CULTURAL

Raul Alves Barreto Lima


Durval Luiz de Faria

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202062>

CAPÍTULO 3..... 36

AUTOCONHECIMENTO E FEMINISMO: UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA SOBRE O *FEMINISMO É PARA TODOS*, DE BELL HOOKS

Jessiane Kelly Nascimento de Brito

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202063>


CAPÍTULO 4..... 47

O MEDO DO FEMININO NA HOMOFOBIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O DISCURSO HOMOFÓBICO E SUA RELAÇÃO COM A VISÃO DE GÊNERO DENTRO DA SOCIEDADE PATRIARCAL

Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa

Carlos Augusto Serbena


Vicente Baron Mussi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202064>

CAPÍTULO 5..... 66

INSPIRAÇÕES DAS “MULHERES DE LESBOS”: A IMAGINAÇÃO ENCARNADA NA DEFESA DE DIREITOS HUMANOS DE MULHERES LÉSBICAS NOS CÍRCULOS SAGRADOS


Clarissa De Franco



 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202065>

CAPÍTULO 6..... 82

EROS NO ARMÁRIO: NOTAS ANALÍTICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA GAY

Gustavo Pontelo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202066>

CAPÍTULO 7	95
HOMOFOBIA E REPRESSÃO DO FEMININO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	
Vicente Baron Mussi Carlos Augusto Serbena	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202067	
CAPÍTULO 8	115
DECOLONIALIDADE DO SABER NAS TEORIAS JUNGUIANAS PARA O DEBATE DE GÊNERO: IMAGENS ARQUETÍPICAS DE UM SAGRADO NÃO-BINÁRIO COMO CAMINHO DE ELABORAÇÃO DO COMPLEXO CULTURAL DA LGBTFOBIA ¹	
Clarissa De Franco	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202068	
SOBRE A ORGANIZADORA	145
SOBRE OS AUTORES E AUTORAS	146

AUTOCONHECIMENTO E FEMINISMO: UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA SOBRE *O FEMINISMO É PARA TODOS*, DE BELL HOOKS

Jessiane Kelly Nascimento de Brito

A autora bell hooks¹ (2020) postula como principal definição para o feminismo o fim do sexismo, da exploração sexista e da opressão. Com as usuais interpretações errôneas que o movimento acaba suscitando, como a leitura de que o objetivo é ser “anti-homens” ou “uma busca para se tornar como homens”; e até mesmo o argumento de que “toda feminista é lésbica”, as ideias vão perdendo sua expressividade e potencialidade enquanto reconhecimento de situações sistêmicas que muitas pessoas vivenciam. Mas o que a autora oferece é um olhar sobre o sexismo no interior e exterior de homens e mulheres e sua transformação perante nossas relações cotidianas.

Para explorar essa temática diante de diversas vertentes feministas, a abordagem escolhida neste texto será a de bell hooks², principalmente nas proposições discutidas no livro *O Feminismo é para Todo Mundo*. Levanta-se como tema de investigação a possibilidade de convergência de seus escritos à noção de autoconhecimento postulado por C.G. Jung; soma-se a isso a possibilidade de averiguar reflexões acerca do aspecto projetivo da

sombra, pelas atuações sociais que a autora delimita e que geralmente são imperceptíveis.

O feminismo, enquanto movimento social, não exclui as considerações dos aspectos pessoais. Ao usar como ideia base “o pessoal é político”, ele propõe uma síntese aos aspectos individuais e coletivos. Entretanto, por muitos anos, o individual de alguns grupos se colocou como universal para outros. É o exemplo do feminismo branco em relação ao feminismo negro, que com pautas que divergem do que hegemonicamente ficou conhecido, busca seu lugar dentro das vertentes.

Desde seu início, o movimento feminista foi polarizado. Pensadoras reformistas escolheram enfatizar a questão de gênero. Pensadoras revolucionárias não queriam apenas alterar o sistema existente para que mulheres tivessem mais direitos. Queríamos transformar aquele sistema para acabar com o patriarcado. Como a mídia de massa patriarcal não estava interessada na visão mais revolucionária, nunca recebeu atenção da imprensa dominante. A noção de “libertação da mulher” que pegou—e ainda está no imaginário do público—era aquela que representava mulheres querendo o que os homens tinham (HOOKS, 2020, p. 21).

1. Por preferência da autora seu nome é escrito com letras minúsculas.

2. bell hooks é o pseudônimo utilizado pela autora em homenagem a avó. Escritora estadunidense, teórica feminista e crítica cultural, teve como principal atividade o ensino universitário e, ao se deparar com a falta de circulação das ideias feministas fora do âmbito acadêmico, ela escreve a obra supracitada, com o intuito de tornar acessível as ideias feministas.

O feminismo reformista, assim intitulado por hooks (2020), pretendia apenas a manutenção do sistema vigente com a mudança de oportunidades econômicas para as mulheres, ou seja, ainda era possível em sua concepção mulheres serem exploradas e estarem em níveis hierárquicos. Assim, criou-se um espaço para um estilo de vida feminista e esvaziou-se seu sentido político. Esse esvaziamento foi agravado a partir da institucionalização dos estudos sobre mulheres nas universidades, e resultou, conseqüentemente, o enfoque mercadológico e a confrontação masculina.

Como aponta a autora, a base do movimento eram os chamados grupos de conscientização (CG), onde mulheres se reuniam para examinar seus próprios pensamentos sexistas e confrontar suas atitudes sexistas em torno de suas relações com outras mulheres. Nessas reuniões, foram formuladas as primeiras teorias feministas e, sem essa base, muitas mulheres acabaram construindo uma carreira acadêmica despolitizada, sem entrar em contato com os problemas da vida cotidiana das mulheres.

Com o foco reforçado na construção da mulher como “vítima” de uma igualdade de gênero que precisava ser reparada (através das mudanças nas leis discriminatórias ou de ações afirmativas), a ideia de que mulheres precisavam primeiro confrontar seu sexismo internalizado como processo para se tornar feminista perdeu o valor. Mulheres de todas as idades agiam como se se preocupar com ou ter raiva da dominação masculina ou da igualdade de gênero fosse tudo o que era preciso para uma pessoa se tornar “feminista”. Sem confrontar o sexismo internalizado, mulheres que levantavam a bandeira feminista constantemente traíam a causa nas interações com outras mulheres (HOOKS, 2020, p. 30).

Como a prioridade dos movimentos feministas, inicialmente, deu-se a partir do interesse de mulheres brancas de classes favorecidas, algumas reivindicações, como o direito reprodutivo das mulheres, acabaram sendo eclipsadas pela midiática da pauta do aborto ou de performances políticas, como a queima de sutiãs no protesto de 1968, na França, ou a Marcha das Vadias, cujo intuito foi o de protestar contra a crença de que as mulheres provocam seu próprio estupro. Apesar de serem questões relevantes, acabaram endossando o preconceito em torno do movimento, destacando o posicionamento conservador cristão da sociedade em torno de pautas que beneficiariam homens e mulheres.

O desenvolvimento da pílula foi um avanço no sentido da liberdade sexual das mulheres, mas um paliativo para o direito ao aborto. Algumas feministas ainda acreditavam que a melhor opção de controle da natalidade feminina era abortar, mas, como aponta hooks (2020), ambas as alternativas, a longo prazo, poderiam ocasionar problemas para as mulheres. De todo modo, houve um prolongamento dessa questão, mas sua resolução permanece uma incógnita. Conseqüentemente, muitas mulheres, que possuem melhores condições financeiras, continuam realizando abortos clandestinos. Permanecer dessa forma apenas reitera a ilegalidade do procedimento e sua inacessibilidade para mulheres de classes mais pobres. Entretanto, enfatizar o aborto como única questão central é

esquecer uma série de medidas, como a educação sexual e o acesso a contraceptivos, que promoveriam a diminuição da gravidez indesejada e aumentariam o poder de escolha e autoconhecimento da mulher em relação ao seu corpo.

Além dessa pauta, houve uma reformulação sobre a estética e o vestuário das mulheres. Por um lado, a flexibilização da construção da imagem feminina e da feminilidade provocou um movimento midiático associando feministas com a imagem de mulheres masculinizadas e “feias” e, por outro, trouxe uma rigidez nas próprias concepções femininas perante mulheres que optavam por se portar no mundo alinhadas com o que foi construído pela moda e pela ideia social de feminilidade. Porém, segundo hooks (2020), a possibilidade que o feminismo lança é da diversidade entre mulheres e uma tolerância com o que se apresenta de forma diferente.

Ainda existem desafios em relação à imagem da mulher, que trazem à tona compulsões alimentares e outras patologias. A intensa pressão estética que a sociedade impõe e a dura perspectiva em torno do envelhecimento das mulheres fizeram com que mulheres regressem a padrões sexistas mesmo que tivessem se beneficiado do feminismo nessa questão enquanto jovens. O fomento à competição com mulheres mais novas e as reatualizações dos padrões de beleza impõem às mulheres mais velhas uma competição pela atenção e pela estima social.

Ao abordar a questão de classe, hooks (2020) aponta que muitas das pautas de mulheres privilegiadas financeiramente eram consideradas uma referência universal. A autora cita a obra *A mística feminina*, de Betty Friedan, e como as queixas levantadas por esse setor de mulheres se referiam ao confinamento doméstico e à falta de oportunidades de trabalho para as mulheres. Embora esse argumento refletisse uma parcela da população feminina naquele período, muitas mulheres negras não se incluíam nesse campo de apelo pelo fato de o trabalho já ser uma realidade em suas vidas. Feministas lésbicas também levantavam a questão de classe, pois não teriam o sustento de um homem em suas relações (HOOKS, 2020).

À medida que mulheres alcançaram maior acesso ao poder econômico em relação aos homens de sua classe, discussões feministas de classe deixavam de ser lugar-comum. Em vez disso, todas as mulheres eram incentivadas a enxergar os ganhos econômicos de mulheres ricas como sinal positivo para todas elas. Na realidade, esses ganhos raramente promoveram mudanças para os grupos de mulheres pobres e da classe trabalhadora (HOOKS, 2020, p. 71).

Mas ao adentrarem no mercado de trabalho, muitas mulheres perceberam o quanto essa atividade não diminuiria seus trabalhos domésticos e como não as igualaria aos homens, ainda mais avantajados nessa dinâmica. Tal aspecto fez com que mulheres não brancas considerassem que o feminismo fomentava o poder branco (HOOKS, 2020). Para combater essa nova faceta da desigualdade entre gêneros, a autora defende um combate

ao elitismo, a ação conjunta de mulheres com privilégios de classe e a consideração da existência da feminização da pobreza.

A questão supracitada também remete à falsa premissa da libertação das mulheres por meio do trabalho. Muitas feministas acabaram triplicando suas atividades trabalhistas em busca de uma autossuficiência. Entretanto, a autossuficiência financeira inexistente sem cargos bem remunerados e com horas justas; o que ocorre é uma dupla jornada da mulher: o trabalho doméstico une-se ao emprego (HOOKS, 2020). Porém, culpabilizar o feminismo por esse movimento em torno do trabalho negligencia os contextos históricos que impulsionaram a busca das mulheres por empregos e a própria funcionalidade do capitalismo. A participação no mercado do trabalho também trouxe sentido à vida de muitas mulheres. Em contraste ao isolamento doméstico, o trabalho trouxe o aumento da autoestima e do sentimento comunitário, fazendo com que elas sentissem que faziam “parte de algo maior que si mesmas” (HOOKS, 2020, p. 84).

Ademais, a autora defende que o movimento deveria ter como pauta em destaque o fim da violência. Entretanto, ela ressalta os perigos do destaque de um ou dois tipos de violência, excluindo outras formas existentes. Por exemplo, a violência entre homens e mulheres ganha um espaço de debate considerável na mídia e entre as feministas. Porém, ao focar apenas nesse tipo de agressão, outras formas de abuso acabam sendo esquecidas, como a violência entre mulheres; ou entre mulheres e crianças. Perpetua-se, assim, estereótipos sexistas de que homens são violentos enquanto mulheres não o são ou não podem ser (HOOKS, 2020). Ao debruçar-se sobre esse aspecto, hooks argumenta:

Se todas as pensadoras feministas tivessem expressado ter se sentido ofendidas pela violência patriarcal perpetrada por mulheres, colocando isso em pé de igualdade com a violência de homens contra mulheres, seria mais difícil para o público ignorar a atenção dada à violência patriarcal, por enxergá-la como pauta anti-homem (HOOKS, 2020, p. 97).

Os indivíduos se tornam passíveis ao uso da violência não por serem em si seres violentos, mas por conviverem em uma cultura patriarcal, em que são mantidas relações hierárquicas, por exemplo, entre pais e filhos, nas quais é legitimado o uso da violência ou de comportamentos violentos por aqueles que detêm a autoridade e o poder como forma de controle social. Muitas vezes a violência é uma forma de demonstração de poder em contextos nos quais pessoas se sentem completamente destituídas socialmente, como é o caso de violência nas relações privadas em que um homem desempregado sente que sua masculinidade estará restaurada ao se comportar agressivamente com sua parceira, por exemplo (Ibidem). A autora também reafirma que o pensamento sexista e a socialização masculina acabam contribuindo para a construção de estereótipos masculinos violentos. Entretanto, ela inova ao não cair na generalização de que só homens podem atuar violentamente, ampliando o olhar para a pauta ao mesmo tempo em que a diversifica.

Apesar da existência de homens antifeministas, a autora também destaca a existência de homens que acolheram o feminismo como movimento de potencial contributivo para seu gênero. Por outro lado, esse apoio acabou intervindo em grupos de mulheres que sustentam o argumento “anti-homem” ou que separam, de forma bem delimitada, a posição de oprimido/opressor entre pessoas do gênero feminino e do masculino com o intuito de ascender de classe econômica.

Esse foco nos homens desviava a atenção dada ao privilégio de classe por ativistas feministas individuais, assim como o desejo de aumentar o poder de classe. Essas militantes individuais que incitavam todas as mulheres a rejeitar homens recusaram-se a olhar tanto para os laços de carinho que mulheres compartilhavam com homens quanto para os laços econômicos e emocionais (fossem positivos ou negativos) que conectam mulheres a homens que são sexistas (HOOKS, 2020, p. 105).

Conseqüentemente, muitos homens se viram como vítimas e, ao reverterem o discurso, afirmando que estavam se libertando dos papéis sexuais fixos e de sua frequente vitimização, acabaram ganhando visibilidade e refletindo, segundo hooks (2020), as piores características do movimento feminista. Ainda há uma dificuldade em retirar a associação entre o feminismo e a ideia de ser “anti-homem”, mesmo que apenas pequenos grupos se alinhem com tal pensamento. A autora também afirma que uma das falhas do movimento foi o de não oferecer meios de como os homens podem ser antissexistas, assim como modelos diversos de masculinidade.

O foco feminista em pensar modelos alternativos para mulheres também se reflete na educação de crianças, na qual a atenção era dada para as meninas e ao combate do enraizamento do sexismo em suas práticas, enquanto que, na educação de meninos, houve uma naturalização de que sua situação já era boa, logo, não precisaria de tanta atenção quanto a criação de meninas (HOOKS, 2020). Além dessa dificuldade, a autora ressalta a frequente transmissão do pensamento sexista por meio das mães. Mesmo em famílias de mães solteiras, nas quais se pressupõe uma criação de foco matriarcal, ocorre esse tipo de ensino pelo fato de a mulher assumir duas funções e pelo sentimento de culpa de não ter um pai presente na criação do seu filho (Ibidem).

Outra discussão presente na obra é sobre relacionamentos e a recusa de muitas feministas com velhos padrões sexistas de relação. Um ponto em destaque é a libertação sexual das mulheres, que tanto beneficiou a busca de uma realização sexual diante de eventuais parceiros como trouxe a crítica diante da dualidade sexista entre “Santa” e “Putá”, oferecendo novas alternativas para a sexualidade feminina ser construída. A autora afirma que esse movimento de busca de satisfação sexual denunciou muitas falhas dos homens e proporcionou uma flexibilização social para homens e mulheres que estavam casados, mas não vivenciavam a sua sexualidade por considerar que isso não era virtuoso dentro de um casamento. Entretanto, também surtiu o efeito oportunista de fazer com que os homens se

aproveitassem dessa liberdade e da ascensão de relacionamentos não monogâmicos para não terem responsabilidade perante as mulheres.

Em relacionamentos íntimos, a maioria dos homens estava disposta a aderir às mudanças feministas na sexualidade da mulher que faziam a mulher ser mais sexualmente ativa do que àquelas mudanças que exigiam a elas rever o comportamento sexual [...] Ao mesmo tempo, dentro do patriarcado, várias mulheres feministas individuais descobriram que relacionamentos não monogâmicos davam aos homens mais poder, enquanto enfraqueciam as mulheres [...] Naqueles dias, e até certo ponto ainda no presente, a maioria dos homens heterossexuais viu e vê uma mulher sexualmente livre como aquela que seria ou será sexual sem lhe causar muita confusão, ou seja, reivindicações, principalmente as de cunho emocional (HOOKS, 2020, p. 119-129).

Inicialmente, nas décadas de 60 e 70, era comum o foco excessivo na liberdade sexual em detrimento do seu autoconhecimento corporal. Exigiam-se direitos em torno da sexualidade, mas sem a crítica aos comportamentos sexistas em torno do corpo ou a demanda de uma educação sexual destinada a homens e mulheres. Somada a isso, em relações heteronormativas, ainda há a divisão sexual do trabalho em contextos domésticos. Com a ascensão de classe de algumas mulheres, tornou-se comum a busca da contratação de um serviço doméstico, área em que geralmente há maior presença do gênero feminino e em que é mais comum que a mulher busque o serviço e o acompanhe (HOOKS, 2020). Também em termos de casamento, abrem-se oportunidades para escolher e optar pela maternidade ou não, visto que as críticas feministas ao que era socialmente posto enquanto o “destino da mulher” ampliaram os possíveis caminhos e escolhas.

Comumente, torna-se difícil a mulher não ser cooptada pelas atitudes e comportamentos sexistas após a gestação. Tanto no que se refere à não participação paterna nos cuidados com os filhos como na defesa da mãe em preservar o laço exclusivo entre ela e o bebê (Ibidem). A reatualização do casamento em termos sexistas também é um fator a ser considerado. A mídia possui um grande papel ao fomentar imagens e idealizações em torno do matrimônio. Ao considerar tal perspectiva, a autora levanta a maior probabilidade de ruptura em casos de relações fundadas em valores sexistas em contraposição com relações de equidade. Também reconhece o papel da luta de feministas radicais lésbicas para o questionamento das práticas em torno da sexualidade e das relações tidas como norma, sem excluir a possibilidade de sexismo dentro de relações homoafetivas. De toda forma, o diálogo sobre o assunto continua extremamente necessário, pois estamos diante de uma sociedade que não apresenta modelos saudáveis para se vivenciar a sexualidade e, principalmente, a sexualidade das mulheres.

Consequentemente, devido às feridas dessas relações, muitas feministas buscaram poder e acabaram se fechando para o amor. O discurso midiático enfatizou movimentos sociais, de maneira geral, pautados em sentimentos como a raiva e o ódio. O que hooks

(2020) aponta como um erro dos movimentos feministas, o de não ter espalhado uma mensagem receptiva aos sentimentos, à valoração das relações (principalmente entre os homens) e à vivência comunitária.

Na ocasião, ninguém falava da realidade de que mulheres arriscariam endurecer o coração e acabar sendo tão fechadas emocionalmente quanto os homens patriarcais ou as mulheres machonas que rejeitávamos em nome da rebelião feminista. E, na maior parte dos casos, foi exatamente isso que aconteceu. Em vez de repensar o amor e insistir em sua importância e valor, o discurso feminista sobre o amor simplesmente cessou (HOOKS, 2020, p. 148).

Nesse sentido, o pensamento de bell hooks se aproxima das constatações de Jung e, quando afirma que “não há amor onde há dominação”, vai ao encontro da ideia de que “onde domina o poder não existe o amor, e que onde reina o amor o poder desaparece” (JUNG, 2013c, p. 193).

Ao tratar das questões sociais, Jung (2013a) aposta no autoconhecimento. Esse movimento de autoconhecer-se seria, para o autor, mais do que simplesmente o conhecimento de ego, referindo-se, inclusive, ao conhecimento dos conteúdos inconscientes. Sem isso, “mais o indivíduo se enfraquece, mais se agarra ao poder estatal, isto é, mais se entrega espiritualmente à massa.” (JUNG, 2013a, p. 23). Ao atribuir como principal objetivo dos movimentos de massa a busca por conquistas terrestres, Jung aponta que, mesmo assim, eles seguem o princípio de uma confissão religiosa. Nesse sentido, a comunidade se apresenta como incapaz de oferecer “uma modificação real e fundamental dos indivíduos” (JUNG, 2013a, p. 25) justamente por trazer ideais superficiais e que desconsidera as características individuais.

Tais características desapareceriam em movimentos de massa devido à atuação dos arquétipos. De caráter numinoso e multifacetado, as estruturas arquetípicas organizam ou subjagam o indivíduo, dependendo do tom de sua manifestação, que ora pode tomar formas positivas, ora negativas. Assim, pode-lhe ser atribuído o caráter espiritual pela forma que toma em manifestações oníricas e como atua na vida dos sujeitos. Ao exercerem efeitos semelhantes sobre os afetos, são capazes de mobilizar concepções filosóficas ou religiosas, submetendo o indivíduo a um fascínio e a uma experiência completa de sentido, da qual é ainda mais difícil se desvencilhar. A resposta para um desacorramento, frequentemente, acaba nos “ismos”, trocando os ordenamentos interiores do inconsciente coletivo pela consciência coletiva (JUNG, 2013b).

Para Marie Louise von Franz (2008, p. 223), as manifestações políticas são relacionadas ao conceito de *sombra*. A autora ressalta a suscetibilidade desta aos contágios coletivos: “[...] a sombra expõe-se, muito mais do que a personalidade consciente, a contágios coletivos. O homem que está só, por exemplo, encontra-se relativamente bem; mas assim que vê os ‘outros’ se comportarem de maneira primitiva e maldosa, começa

a ter medo de não fazer o mesmo.” A autora também coloca, diante da acusação de ineficiência da teoria junguiana em analisar fenômenos sociais, o papel importante que o reconhecimento da *sombra* pode ter nesses eventos, mas aponta também que ainda não foi provado o efeito social disso (1999):

Ainda não foi provado que essa fase da individuação – a de se tornar consciente da própria sombra e retirar suas projeções – tenha um efeito social benéfico. Isso é óbvio. A análise junguiana, que pode ser vista de fora como individualista, absorvida com preocupação consigo mesmo, geralmente é acusada de ser socialmente inútil. [...] Inumeráveis futilidades e gastos de energia aumentam porque não somos conscientes da sombra e, então, projetamos ela nos outros. Todo conflito político é baseado nesse estado de afetos (VON FRANZ, 1999, p. 253).

Além disso, a sombra possui mais facilidade de ser experienciada dentre os arquétipos, visto que ela pode ser encontrada nos conteúdos do inconsciente pessoal (JUNG, 2011). Ao ser colocada no outro ou no mundo exterior, esta passa pelo mecanismo da *projeção*, que corresponde a um processo automático, inconsciente e involuntário, em que conteúdos subjetivos são colocados em objetos compatíveis com os mesmos (JUNG, 2011). Assim, a retirada da projeção acontece quando ocorre certa estranheza entre o conteúdo projetado e o objeto, fazendo com que o indivíduo tenha a possibilidade de reconhecer esses aspectos em si.

Marie Louise von Franz (2011) argumenta que existe uma maior dificuldade de percepção da *sombra* quando estamos com alguém do mesmo gênero, sendo mais fácil relevar quando ela é projetada no gênero oposto. Nas manifestações oníricas, é bastante comum que a *sombra* apareça representada pela identidade de gênero que o sonhador assume conscientemente. Apesar da comum ideia de que a sombra representa algo negativo, a atitude que o sujeito toma frente a ela poderá influenciar os efeitos que esta possui, podendo a sombra ser “nossa amiga ou inimiga” (VON FRANZ, 2011, p. 229).

Na verdade, ela se parece com qualquer ser humano com que temos de nos relacionar: segundo as circunstâncias, algumas vezes cedendo, outras resistindo, outras ainda dando-lhe amor. A sombra só se torna hostil quando é ignorada ou incompreendida (VON FRANZ, 2011, p. 229).

Em relação a essas reversões e extremos, a *enantiodromia* é uma chave conceitual bem comum quando se aborda as concepções de sombra e inconsciente. Termo cunhado a partir das concepções filosóficas de Heráclito, ele remete a um acúmulo de energia psíquica que tende a subjugar o eu. Essa instância geralmente se identifica com tal concentração energética e origina, conseqüentemente, manias ou interesses monotemáticos (JUNG, 2014). Jung (2014) afirma que esses interesses geralmente formam “igrejas”, ou seja, organizações e grupos, mas que a única forma de não cair nessa dinâmica seria a diferenciação do inconsciente.

Todo extremo psicológico contém secretamente o seu oposto ou está de alguma forma em estreita relação com ele. Na verdade, é desta contradição que ele deriva a dinâmica que lhe é peculiar. Não existe rito sagrado que eventualmente não se inverta em seu oposto, e quanto mais extrema se tornar uma posição, tanto mais se pode esperar a sua enantiodromia, sua reversão para o contrário (JUNG, 2013, p. 441).

Tendo em vista a cisão provocada pela separação daquilo que é inconsciente e aquilo que é consciente, muitas das manifestações advindas do inconsciente virão em aspecto projetivo e com uma carga negativa. Portanto, ao criticar um aspecto externo, o indivíduo está enfrentando aquilo que em sua construção de vida é encarado como inferior, mas, ao mesmo tempo, ele poderá vir a se tornar aquilo que negou de uma maneira extrema, sem gradatividade. Em resumo, esse fenômeno é o que Jung denominou de *enantiodromia*, uma reversão ao seu oposto.

A *sombra* abrange um problema moral que impacta na escolha de integrá-la. A carga moral atribuída aos próprios conteúdos é somada à resistência e ao sofrimento relacionados ao seu reconhecimento. Esses conteúdos não reconhecidos geralmente possuem uma forte carga emocional e autonomia em relação ao ego. A partir desse ponto, considera-se a projeção como uma saída moral, visto que se coloca no outro aquilo que é encarado como o mal (JUNG, 2011). Será então que o movimento feminista foge desses pressupostos ao assumir como um dos objetivos a tomada de consciência das injustiças vivenciadas pelas mulheres? Ou surgem formas de corresponder ao que é postulado sobre movimentos de massa pelas teorias psicológicas? E quais são as possíveis contribuições que os conceitos psicológicos, como a *sombra*, podem fornecer para a discussão?

Algumas autoras irão pensar nas dificuldades internas que acabam por facilitar uma *sombra* no movimento social. Segundo Fraser (2019, p. 42), “À medida que o discurso se torna independente do movimento, ele é progressivamente confrontado com uma cópia estranha e sombria de si mesmo, uma cópia que não se pode simplesmente abraçar, nem negar completamente”. Já Elizabeth Badinter (2005), ao analisar o movimento feminista, coloca o quanto é comum atribuir ao opressor sua identidade com o mal, enquanto ao oprimido, a identidade ao bem. Essa ideia parece dialogar, mesmo que em perspectivas teóricas diferentes, com o que as colaboradoras clássicas da psicologia analítica postulam sobre o feminismo. Marie Louise von Franz (1999) afirma que a impulsão desse movimento se deu pela luta contra o *animus*, e que se as mulheres não reconhecerem os aspectos masculinos negativos em si, agirão com agressividade em relação ao mundo externo e aos homens. Emma Jung (2006) já coloca que o surgimento do feminismo se deu a partir do problema do chamado *logos do animus*, e que a baixa valorização dos aspectos femininos, inclusive pelas mulheres, pode ser um grande problema.

Ainda que o impulso “anti-homem” tenha sido uma reação inicial diante das mulheres que participavam de movimentos anticlassistas e antirracistas, com a

necessidade de conviver, paradoxalmente, subservientes aos seus companheiros de luta, esse comportamento acabou sendo um estímulo abandonado depois que as feministas consolidaram seus espaços. Entretanto, ainda tinham de enfrentar o sexismo entre si, já que diante das diferenças de raça, classe e gênero, existiam peculiaridades da organização política (HOOKS, 2020).

À medida que o movimento progredia, à medida que o pensamento feminista avançava, ativistas feministas intelectuais enxergaram que homens não eram o problema, que o problema era o patriarcado, o sexismo e a dominação masculina. Era difícil encarar a realidade de que o problema não estava apenas com os homens. Encarar essa realidade exigia uma teorização mais complexa; exigia reconhecer o papel que as mulheres tinham na manutenção e perpetuação do sexismo (HOOKS, 2020, p. 103).

Diante do que foi exposto, é possível perceber que as proposições feministas que a autora levantou denunciam atitudes do movimento feminista que ocasionaram retificações posteriormente. O que ocasionou a articulação inicial ao conceito de sombra e ao de autoconhecimento. Entretanto, contrapondo-se à ideia de que movimentos de massa levaria à despersonalização do sujeito, vimos que a multiplicidade de pautas colabora para uma visão crítica e para o autoconhecimento de homens e mulheres. Portanto, ao refletir sobre questões fundamentais, como a sexualidade, dinâmicas de relacionamentos, conhecimento corporal, organização familiar, mercado de trabalho e seus impactos, violência, gênero e raça, bell hooks faz um panorama de como o feminismo possui uma importância que não se restringe apenas às mulheres e que diz respeito a todos.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **Rumo equivocado**: o feminismo e alguns destinos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FRASER, N. Feminismo, capitalismo e astúcia da história. In: HOLLANDA, H.B. (org.) **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 12ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JUNG, C.G. **Símbolos da transformação**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C.G. **Tipos Psicológicos**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C.G. **Psicologia do inconsciente**. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C.G. **Aion**: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C. G. **Presente e Futuro**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, C. G. **Civilização em Transição**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, C.G. **O desenvolvimento da personalidade**. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013c.

JUNG, E. **Animus e Anima**. São Paulo: Cultrix, 2006.

VON FRANZ, M.L. **Archetypal dimensions of the psyche**. 1ª ed. Nova Iorque: C.G.Jung Foundation Book, 1999.

VON FRANZ, M.L. O processo de individuação. In: JUNG, C.G. **O homem e os seus símbolos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE